

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
RÁDIO E TELEVISÃO

ALASTOR ALVES ROSA

A COMUNIDADE LGBT E A MÍDIA:
a representatividade transgêneros nas produções filmicas

CONTAGEM

2025

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
RÁDIO E TELEVISÃO

ALASTOR ALVES ROSA

A COMUNIDADE LGBT E A MÍDIA:
a representatividade transgêneros nas produções filmicas

Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido na área de representações midiáticas e diversidade, apresentado ao curso de Rádio e Televisão da Universidade do Vale do Paraíba, para a obtenção do título de Bacharel em Rádio e Televisão.
Orientador: Prof. Filipe Coutinho.

CONTAGEM

2025

ALASTOR ALVES ROSA

**A COMUNIDADE LGBT E A MÍDIA:
a representatividade transgêneros nas produções filmicas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de rádio e Televisão da Universidade Do vale do Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharelado.

Cidade, ____ de _____ de ____.

BANCA AVALIADORA

Prof.(a): Nome do Orientador
Afiliações

Prof.(a): Nome do Orientador
Afiliações

Prof.(a): Nome do Orientador

Afiliações
DEDICATÓRIA

A Todos os meus familiares e amigos...

AGRADECIMENTOS

Desejo expressar toda a minha gratidão a todos que, de alguma forma, ajudaram com a realização deste trabalho. Seja de forma direta ou indireta, que permaneceram ao meu lado durante essa fase tão desafiadora.

Primeiramente gostaria de agradecer os meus pais, pela força e perseverança que me permitiu chegar até aqui. A minha irmã, cujo apoio e carinho me permitiu ter mais confiança em mim mesmo. Sem o incentivo de vocês, este sonho não teria se concretizado.

Gostaria de agradecer também a esta instituição e a todo seu corpo docente. Especialmente ao meu orientador, o professor Filipe Soriano, por acreditar e não desistir de mim, mesmo depois de tantas adversidades, seu apoio contínuo foi mais do que essencial para conclusão deste trabalho. Também gostaria de agradecer a ambas as minhas coordenadoras, professoras Monique Baraúna e Vanessa Vantine, que dedicaram seu tempo e esforço para me apoiar da melhor maneira possível.

E aos meus amigos e colegas, que não apenas me incentivaram, mas também estiveram nos momentos altos e baixos desta jornada, oferecendo seu apoio e conforto nos momentos mais difíceis. Estendo meus agradecimentos à minha amiga, Syd Orion, cujo apoio foi essencial para a finalização deste relatório.

Também dedico este trabalho a todas as pessoas trans e todos aqueles que não se conformam com as expectativas dos papéis de gênero impostos pela sociedade, aqueles que não se deixaram abalar pelo julgamento alheio e apenas vivem a sua verdade. Vocês são parte da mais bela forma de resistência ao sistema que nos oprime todos os dias.

“A arte tá no processo de se moldar pelas pessoas que passam por ela e isso é muito importante.”

Tropia

Resumo

A proposta deste trabalho é analisar a representatividade de personagens transgêneros dentro da indústria audiovisual e seu impacto para com indivíduos trans dentro da sociedade, focando em como esses personagens são construídos e interpretados. Partindo da premissa foucaultiana de que os papéis de gênero são construções sociais moldados por relações de poder, a pesquisa analisa como o audiovisual reflete e influencia a percepção social sobre performance de gênero. A escolha pelo formato podcast exclusivamente sonoro permite criar um espaço de debate voltando às vozes, normalmente ignoradas pela sociedade, e suas experiências vividas, e não apenas na aparência de seus corpos. A metodologia consiste em uma análise histórica e discursiva de filmes e artigos relacionados, articulada com a teoria queer e seus estudos de gênero.

Palavras-Chave: Representação Transgênero. Audiovisual. Teoria Queer.

Abstract

The purpose of this work is to analyze the representation of transgender characters within the audiovisual industry and its impact on trans individuals within society, focusing on how these characters are constructed and interpreted. Based on the Foucauldian premise that gender roles are social constructs shaped by power relations, the research analyzes how audiovisual media reflects and influences social perceptions of gender performance. The choice of an exclusively audio podcast format allows for a space for debate that focuses on voices, often ignored by society, and their lived experiences, rather than solely on the appearance of their bodies. The methodology consists of a historical and discursive analysis of films and related articles, articulated with queer theory and gender studies.

Key words: Transgender Representation. Audiovisual. Queer Theory.

LISTAS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Triade semiótica de Peirce.....	17
Figura 2 - Logotipo do podcast.....	21
Figura 3 - Logo principal do Podcast.....	22
Figura 4 - Logo alternativo do podcast.....	23
Figura 5 - Palheta de cor	23
Figura 6 - Mascote do podcast.....	24
Figura 7 - “Travasqueen” (2024).....	25
Figura 8 - “Queens vs Zombies from outer space” (2021).....	26
Figura 9 - “Vale das Bonecas” (2022)	27
Figura 10 - Rico Ballardin.....	28

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Orçamentos.....	30
Quadro 2 - Cronograma de Execução.....	31

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Pré roteiro episódio 1.....	28
Tabela 2 - Pré roteiro episódio 2.....	28

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. PROBLEMA DE PESQUISA	9
3. OBJETIVOS	10
3.1 <i>Objetivo Geral:</i>	10
3.2 <i>Objetivos Específicos:</i>	10
4. JUSTIFICATIVA	10
5. METODOLOGIA	11
6. REFERENCIAL TEÓRICO	12
6.1 <i>Terminologia</i>	12
6.2 <i>O que é representatividade?</i>	13
6.3 <i>O que são estereótipos e tropos dentro do audiovisual?</i>	13
6.4 <i>O que é semiótica?</i>	16
6.5 <i>O que é Cis Gaze?</i>	18
6.6 <i>O Podcast e seu público alvo</i>	19
7. DESENVOLVIMENTO	20
7.1 <i>IDENTIDADE VISUAL</i>	22
7.2 <i>ENTREVISTADOS</i>	23
7.3 <i>EPISÓDIOS E PRÉ ROTEIRO</i>	27
7.4 <i>VALORES E ORÇAMENTOS</i>	29
7.5 <i>CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO</i>	30
8. CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS	30
APÊNDICE - LINKS DE ACESSO AO PRODUTO FINAL	33
ANEXOS	34

1. INTRODUÇÃO

A existência de pessoas que não se conformam com o gênero imposto ao nascimento vem se tornando uma pauta muito discutida dentro da política na última década, porém o tema já vem sendo explorado por diversas obras dentro da cultura pop há muitos anos. Enquanto a representação de personagens ditos como transgêneros em obras filmicas é algo recente, a presença da quebra de padrão dos papel de gênero vem sido abordado em obras desde da época do cinema mudo com Charles Chaplin, que perfoma o papel de uma mulher em sua obra “A busy day” em 1914, em meio a um tempo onde haviam leis que proibiam e puniam severamente crossdressing, que se refere ao ato de se vestir com roupas do sexo oposto.

Segundo Foucault (1976), as identidades e normas sexuais são moldadas historicamente através de relações de poder e discursos sociais, o que sugere que papéis de gênero também são construções sociais. É notável como o conceito de gênero muda conforme a sociedade e período histórico observado. Na moda, por exemplo, mulheres eram proibidas de usarem calças por serem consideradas roupas masculinas, porém os antigos romanos usavam saias como parte de seu traje de batalha dentro do exército, uma peça que passou a ser considerada exclusivamente feminina. Vemos esse fenômeno também com saltos, que foram feitos para uso masculino e acabaram sendo ressignificados para uso feminino e por assim vai. Para além da estética temos diferenças de comportamento, onde cada lugar, período histórico e classe social possuem suas regras do que é performar gênero.

Já no audiovisual é possível observar essas diferenças de forma mais perceptível, já que as obras refletem os valores e a visão de mundo do autor. Na obra de Chaplin, ele utiliza do crossdressing como um recurso cômico ao retratar uma esposa ciumenta perseguindo seu infiel marido em um desfile. A ideia de um homem se vestir como uma mulher era mais do que absurda, porém não incomum em obras do período do cinema mudo. Muitos anos depois podemos observar uma mudança mais positiva, como na obra “Some like it hot” (1959), que utiliza do crossdressing dos dois protagonistas tanto como crítica a normas de gênero e sexualidade como alívio cômico. Embora as duas obras não se tratem diretamente sobre vivências de pessoas transgênero explicitamente, as obras abordam a quebra de performance do que é esperado daquele indivíduo agir baseado na sua genital. Ser uma pessoa trans¹ é, querendo ou não, quebrar as expectativas de gênero impostas ao nascimento e seguir com o que é mais confortável.

¹ Trans: Alguém que não se identifica com o mesmo gênero que lhe foi atribuído ao nascer.

A quebra de papéis de gêneros dentro da arte começa com o teatro grego, onde homens interpretavam todos os tipos de papéis em peças por causa da restrição do envolvimento de mulheres com o teatro, porém acaba se tornando um tabu a partir do momento que esses papéis de gênero começam a ser estritamente reforçados por lei e a quebra desses padrões se resultava em punição e vergonha. Segundo Jackie Roach em sua obra “Don’t Dream it, Be it”: The Rocky Horror Picture Show’s Impact on Queer Communities in the 1970s” (2024) a organização da comunidade transgênero como uma luta social nos Estados Unidos começou depois da segunda guerra mundial, em um período onde jovens se reuniam em bares e clubes para festejar e poder se encontrar com aqueles que também se encontravam desconfortáveis dentro dos padrões tão reforçados pela sociedade. Após a morte de Judy Garland em 1969 e a invasão do bar Stonewall Inn na cidade de Nova York se iniciou uma noite de protestos liderados por uma corajosa mulher trans juntamente com lésbicas e drag queens que lutaram contra a violência policial que sofriam. O protesto de Stonewall Inn incentivou protestos até mesmo aqui no Brasil, revolucionando a luta da comunidade como um todo. Podemos observar essa repercussão até mesmo dentro do audiovisual com obras que exploram o tema mais livremente.

A presença LGBT² no audiovisual brasileiro é antiga, mas sua visibilidade, autonomia para contar suas próprias histórias e reconhecimento vêm crescendo de forma significativa, especialmente nas últimas duas décadas. O podcast deseja realçar e dar visibilidade a representação nos bastidores, sendo mais do que apenas tema, mas sendo também agentes criativos de suas produções. O audiovisual brasileiro e a comunidade LGBT têm uma relação simbiótica e essencial. A comunidade não apenas é retratada, mas é uma força criativa motriz, desafiando normas, ampliando o repertório cultural do país e contando histórias universais a partir de suas perspectivas únicas.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

O problema central explorado nesse podcast reside na análise da representatividade transgênero presente em obras audiovisuais, tanto dentro como fora das telas. A presença da comunidade LGBT dentro da cultura pop é uma ferramenta poderosa para dar voz e visibilidade, normalizar a praesença de pessoas fora o padrão cis³ hetero imposto pela sociedade. Mesmo diante a desafios e preconceitos surge a questão: Como a indústria audiovisual apresenta a representação e trabalha com indivíduos transgêneros em suas obras?

² LGBT: Lesbica, gay, bissexual e transgênero

³Cisgênero (ou "cis"): Alguém que se identifica com o mesmo gênero que lhe foi atribuído ao nascer.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral:

O objetivo geral deste trabalho é desenvolver um podcast, com o objetivo de analisar como personagens trans são caracterizados em obras filmicas, como também entender como produtores, diretores e atores trans são tratados dentro dessas produções.

3.2 Objetivos Específicos:

- Analisar a representatividade de personagens trans em obras filmicas
- Analisar como produtores, diretores e atores trans são tratados em produções audiovisuais.
- Identificar o público alvo e consumidor das obras.
- Conhecer e produzir e desenvolver um podcast
- Promover a conscientização e valorização de obras LGBT por meio da publicação do podcast, contribuindo para que mais artistas nacionais sejam reconhecidos.

4. Justificativa

A indústria audiovisual não é apenas entretenimento; é uma poderosa ferramenta narrativa que molda percepções, reforça ou critica estereótipos e influencia a maneira como a sociedade compreende questões complexas. As representações midiáticas são, para grande parte do público, o primeiro e por vezes único contato com realidades diferentes das suas. Portanto, a forma como personagens trans são escritos, interpretados e inseridos nas narrativas possuem um impacto direto na maneira como a sociedade enxerga, respeita e inclui, ou exclui, pessoas trans. A produção deste podcast sobre como essa representação é abordada é fundamental para o entendimento de como a comunidade trans é vista e interpretada por aqueles dentro e fora dessa realidade.

Historicamente, a representação trans no cinema tem sido marcada por clichês prejudiciais e desumanizantes, sendo corroborado pela crescente onda de conservadorismo na sociedade, juntamente com a ascensão do fascismo no governo de vários países pelo mundo. Portanto, este projeto é uma forma de resistência ao crescente preconceito, promovendo relatos de pessoas trans dentro do audiovisual que levam a sua história e voz para cada vez

mais pessoas. Neste contexto, o podcast não apenas documenta essas vivências, mas também busca conscientizar o público sobre um tema considerado tão polêmico.

A escolha da produção de um podcast sem a presença de vídeo possui o objetivo de evidenciar as vozes, normalmente ignoradas por preconceito estético que escolhe pessoas dignas de serem ouvidas pelo seu nível de beleza pré estabelecido pela sociedade, isso permite um debate diversificado. Ao incluir várias experiências, o podcast enriquecerá o debate sobre a produção de mídia voltada ao meio LGBT, engajando na comunidade.

Assim podemos dizer que este trabalho é justificado pela necessidade de analisar e debater sobre como a comunidade transgênera é vista e representada na mídia, contribuindo para a conscientização coletiva da importância de reconhecer e apreciar vivências fora do padrão que é incentivado dentro de nossa sociedade.

5. Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho baseia-se principalmente em análise de obras literárias, produções filmicas e artigos publicados sobre o assunto. A pesquisa documental desempenha o papel na compreensão dos elementos que compõem a criação e desenvolvimento de personagens transgêneros dentro do audiovisual.

Iniciei a minha pesquisa através dos livros de Judith Butler, recomendados a mim pela minha coordenadora, como a obra de Foucault onde aprofundi meus conhecimentos teóricos sobre gênero. É preciso entender o que são os papéis de gênero e como são utilizados para entender o que é a quebra e inversão desses papéis. Parte dessa primeira etapa também constituiu da análise de diversos artigos relacionados à análise da representatividade presente dentro da cultura pop, incluindo filmes e séries que foram citadas ao longo deste trabalho. A análise partiu de uma perspectiva semiótica, com base na tríade de Peirce (signo, objeto, interpretante), para decupar signos visuais e sonoros que constroem a identidade trans nas narrativas, como figurino, voz, gestual, enquadramento e uso da câmera. Também foram identificados tropos narrativos recorrentes, tais como “o trans trágico”, “o enganador” e “a prostituição”, a fim de compreender como esses arquétipos reforçam ou subvertem estereótipos.

Após a análise documental, a metodologia se voltou a realização das entrevistas com diversos membros da comunidade transgênero que trabalham com a indústria audiovisual, incluindo também um diretor cis, que possui diversas obras voltadas a comunidade LGBT. As

entrevistas foram voltadas às narrativas e experiências que cada entrevistado viveu como sendo pessoas trans adentrando uma indústria majoritariamente cisgênera, como também a sua visão como espectadores, que consomem mídias audiovisuais.

Para além de produtores e consumidores de audiovisual somos pessoas e merecemos ter o mesmo direito de sermos respeitados e retratados dentro das mídias como qualquer outra pessoa. Através da representação nas mídias podemos conscientizar e combater preconceitos e até mesmo ajudar indivíduos a entender a própria identidade de gênero.

6. Referencial Teórico

O referencial teórico deste trabalho serão abordados os seguintes temas: terminologia, representatividade, semiótica, tropos e estereótipos, a produção do podcast e o seu público alvo.

6.1 Terminologia

Os termos cis e trans utilizando ao longo de todo este trabalho são termos em latim para “do mesmo lado de” e “do outro lado de” respectivamente. Termos inicialmente usados em estudos geográficos, como nos termos “Gália Cisalpina”, que se refere a Gália do mesmo lado dos alpes em relação a Roma, e “Gália Transalpina”, ou seja a Gália do outro lado dos alpes. Os termos se popularizaram com os estudos de química orgânica com a isomeria geométrica, onde "cis" e "trans" são usados para descrever a orientação espacial de átomos ou grupos em uma molécula.

O termo “cissexual” foi primeiramente citado pelo psicólogo alemão Volkmar Sigusch (1991 apud PINKNEWS, 2024, par. 3) em um artigo sobre ciência sexual. Ele propôs o termo para criar uma simetria linguística e científica, evitando que "transexual" fosse visto como o único desvio de uma suposta "norma". A comunidade científica e, posteriormente, a comunidade LGBTQ+, adotou os termos pela perfeita analogia onde cisgênero é a identidade de gênero está do mesmo lado do sexo designado ao nascer e transgênero é a identidade de gênero está do outro lado (ou atravessa para o outro lado) em relação ao sexo designado ao nascer.

6.2 O que é representatividade?

A representatividade é o ato de tornar visível a diversidade de grupos sociais que compõem a sociedade por meio da arte e comunicação. No entanto, seu significado verdadeiro vai muito além da mera presença simbólica, é sobre a profunda necessidade humana de se ver refletido em sua criação, tanto como nas obras que consome. A criação de repertório baseado no consumo dessas obras influencia diretamente a visão de mundo de um indivíduo.

Então, quando eu fiz 8 anos, arranjamos um novo menino para casa, seu nome era Fide. A única coisa que a minha mãe nos disse sobre ele foi que a sua família era muito pobre. Minha mãe enviava inhame, arroz e nossas roupas usadas para sua família e quando eu não comia tudo no jantar, minha mãe dizia: “Termine a sua comida! você não sabe que pessoas como a família de Fide não tem nada?” Então eu senti uma enorme pena da família de Fide. Então, em um sábado, nós fomos visitar a sua aldeia e sua mãe mostrou um cesto com um lindo padrão feito com ráfia seca pelo seu irmão. Eu fiquei atônita! Nunca havia pensado que alguém em sua família pudesse realmente criar alguma coisa. Tudo que eu tinha ouvido sobre eles era como eram pobres, assim havia se tornando impossível para mim vê-los como alguma coisa além de pobres. A sua pobreza era a minha única história sobre eles. (ADICHIE, 2009)

A representatividade não se refere apenas a inclusão de minorias, mas também como são retratadas e como a visão de mundo do autor reflete em suas criações. Adichie relata em sua palestra como a falta de narrativas diversas limita a compreensão de experiências fora da nossa própria realidade, reduzindo a sua perspectiva que temos sobre aqueles diferentes de nós apenas com base nas poucas informações que possuímos sobre esses grupos, podendo reforçar estereótipos e fomentar uma impressão ruim sobre certas minorias.

6.3 O que são estereótipos e tropos dentro do audiovisual?

Um estereótipo é uma imagem simplificada e generalizada que um grupo sustenta sobre outro grupo ou sobre si mesmo, ignorando as suas individualidades e contextos. É essencialmente uma pré - concepção enviesada, resultando em uma visão geralmente negativa. O tropo, por outro lado, é um recurso narrativo, recorrentemente usado em obras audiovisuais e na literatura para construção de um personagem ou uma cena. No contexto da comunidade transgênero é possível notar como os conceitos de estereótipo e de tropo tendem a se misturar, quando a obra é produzida por e para pessoas fora da comunidade.

As produções audiovisuais vão muito além das grandes obras produzidas e difundidas por hollywood, porém o seu impacto na percepção do grande público para com indivíduos transgêneros é inegável. Historicamente, pessoas trans têm sido vítimas de estereótipos e invisibilidade dentro de grandes produções. O padrão pode ser notado nos seguintes tropos:

1. Alívio Cômico

Como já citado anteriormente, uma das representações mais comuns, especialmente em filmes de comédia, é a presença da quebra de papéis de gênero visto como algo absurdo e visto como objeto de chacota. Presente em obras filmicas desde do tempo do cinema mudo até o século 21 e é presente em obras como *As Branqueiras* (2004), *Vovó..zona* (2000) , *Some like it hot* (1959), *Sai de Baixo* (2019) e entre outros. Normalmente esse tropo gira em torno de um homem que, por algum motivo, necessita tomar uma aparência feminina para atingir seus objetivos, normalmente reduzindo a figura da mulher a caricaturas machistas e sem profundidade.

2. Vilania/ Monstruosidade

Diferente do alívio cômico, aqui vemos personagens trans são reduzidos a pessoas perversas. A figura do monstro sempre serviu, e ainda serve na literatura como no cinema, para representar o que a sociedade teme ou não entende. A quebra da performance de gênero acaba se tornando associada a fraude, seres contra a natureza e o bom costume. Um bom exemplo de vilanização é Buffalo Bill em *Silêncio dos Inocentes* (1991), quando o personagem sequestra e mata mulheres inocentes com a pretensão de usar seus corpos para obter a transição que lhe foi negada, dado o seu histórico criminal. Buffalo é visto como um homem perturbado que deseja mudar seu corpo para se aproximar de sua falecida mãe e não como um indivíduo que deseja mudar a sua aparência para se sentir bem consigo mesmo.

3. Trans Trágico

Essa fórmula narrativa reduz os personagens ao seu próprio sofrimento. Aqui a narrativa não trata a transgeneridade como uma identidade por si só, mas como fardo trágico, destinado a terminar em rejeição, violência e morte. Podemos ver esse tropo nos filmes: *Boys don't cry* (1999) e *Mysterious skin* (2004). Além de reduzir o personagem a sua transgeneridade, a sua única existência na obra é voltada para o seu sofrimento. Em um

mundo onde a perseguição de pessoas trans reduz a expectativa de vida para 35 anos, esse tropo não é algo a ser celebrado.

4. Trans enganador

Um dos tropos mais nocivos de todos é o trans enganador. Essa narrativa normalmente apresenta uma bela mulher, bastante atraente e bem desejada para no final ser revelado que ela possui ou já possuiu um penis, estragando a ilusão dos demais personagens heterossexuais. A ideia de se relacionar com alguém que nasceu homem, torna de alguma forma, o homem hetero em um um homem gay e essa ideia enfurece esses homens, como se tivessem a sua própria masculinidade questionada. O filme *The Crying Game* (1992) é um bom exemplo disso. A revelação de que Dil, uma bela mulher na verdade nasceu homem, faz com que Fergus, o protagonista, sinta nojo. Esse tropo trata normalmente mulheres trans como pessoas perversas que desejam manipular e enganar o homem hetero em ter relações homossexuais, algo, que infelizmente, não se reduz às grandes telas, mas vistas no mundo real onde homens se sentem no direito de violentar mulheres trans por se sentirem enganados.

5. Fase passageira

Esse tropo gira em torno da ideia que a identidade de gênero de uma pessoa trans não é algo autêntico, mas um período temporário como uma rebeldia juvenil ou uma forma de lidar com algum trauma. Felizmente esse tropo está deixando de ser usado com o tempo, mas percebemos em filmes como *A girl like me: the gwen araujo story* (2006), *About Ray* (2015), onde a ideia de ser uma pessoa trans é um problema a ser debatido e combatido e não respeitado.

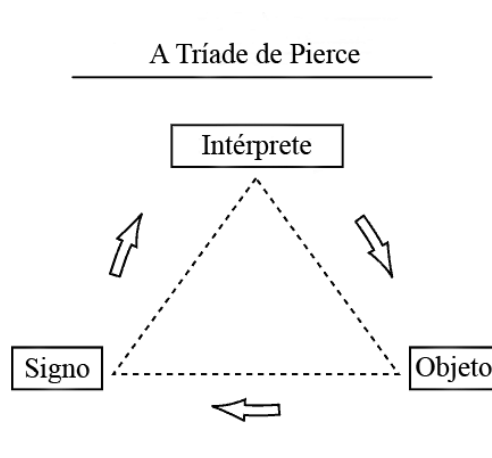
6. Prostituta

Essa representação é a mais reducionista e a mais estereotipada entre todas as outras. Historicamente pessoas trans foram marginalizadas ao ponto de apenas encontrar algum tipo de trabalho com a prostituição, porém nesse tropo a personagem não possui outras aspirações, outros empregos ou uma complexidade para além da prostituição. Podemos observar esse tropo nos filmes: *Se beber, não case 2* (2011) e *Dallas Buyers Club* (2013). Além de ser uma ferramenta narrativa preguiçosa, contribui para o reforço de estigmas sociais, que acabam em violências na vida real.

6.4 O que é Semiótica?

A ciência dos signos e das significações, em termos mais simples, é o estudo de como as coisas, sejam palavras, imagens, gestos, sons e etc, adquirem significado e como nós os interpretamos. Charles Peirce, pai e criador do termo semiótica, classificava os signos de acordo com a relação que tem com o objeto que apresentam em sua famosa tríade:

Figura 1 - Tríade semiótica de Peirce



Fonte: Peirce (adaptado de ru3.com.luc,[2007]).

Onde temos um Signo, que se refere a qualquer coisa que represente outra coisa para alguém, como a palavra “cachorro”, uma fotografia de uma paisagem ou um aperto de mão e por assim vai. O significado é o processo pelo qual o signo representa algo para o intérprete, o significado não está na coisa em si, mas na relação que se cria com ela. E por fim temos o interpretante, que é a compreensão ou a reação que o signo causa na mente de quem o interpreta, sendo o efeito do signo. A semiótica é uma ferramenta poderosa para analisar qualquer coisa na cultura, nos permitindo dissecar elementos visuais que constroem a transgeneridade de um personagem em tela, podemos observar um padrão em alguns conceitos:

1- A Quebra do Paradigma Binário

Se refere a quebra dos signos rigidamente associados aos gêneros “masculinos” e “femininos” que são tão reforçados dentro da cultura ocidental. A teoria de Judith Butler, de que gênero é uma performance, dialoga perfeitamente com a semiótica quando se refere que os gestos, roupas ou até mesmo o modo de falar de algum personagem trans são signos que está sendo constantemente lido e interpretado por outros personagens de forma binária, ou seja dentro do padrão “masculino” e “feminino”. A quebra desse padrão causa estranheza e rejeição por parte dos personagens e de do público.

2- A relação com o Olhar (The Gaze)

A teoria do olhar, criada pela teórica e cineasta britânica Laura Mulvey em seu ensaio seminal de 1975, "Prazer Visual e Cinema Narrativo" (*Visual Pleasure and Narrative Cinema*), é bastante crucial quando se refere a intenção. O olhar patologizante é quando a câmera trata o corpo do personagem trans como um objeto de estudo médico, com curiosidade ou fetichização (Ciz gaze), dando foco para planos detalhe ao corpo de forma invasiva, sendo signos de voyeurismo e desumanização. Por outro lado, podemos ter o olhar empático quando a câmera adota o ponto de vista mais subjetivo do personagem, mostrando as suas emoções e sua experiência interior. O foco está na pessoa e não apenas na sua transgeneridade.

3- Nível Semântico

Existem vários signos visuais que carregam o significado com a comunidade transgênero dentro do audiovisual como:

1- Figurino e Maquiagem:

Roupas são signos poderosos de gênero. A escolha do corset e lingerie, como visto em Dr. Frank 'n Furter em *The Horror Picture Show* (1975), um vestido, um binder*, uma gravata ou um salto alto não são escolhas aleatórias. Elas sinalizam a afirmação de gênero ou até mesmo o efeito completamente oposto, como a opressão de precisar usar essas roupas para se encaixar em uma performance que não agrada o personagem.

2- Ambiente:

O quarto do personagem com seus objetos pessoais são signos de sua jornada com a sua identidade.

3- Voz:

A voz é um dos signos de gênero mais complexos. A mudança na voz é algo muito desejado dentro da comunidade, sendo mais difícil para mulheres trans que não conseguem alcançar essa mudança tão facilmente quanto homens trans. A escolha de representar mulheres trans com uma voz mais grave pode ser muito desrespeitosa.

6.5 O que é Cis gaze?

Baseado na teoria de Laura Mulvey e seu conceito de Male Gaze, ou o olhar masculino. O olhar Cis* nasceu de obras hollywoodianas, onde personagens trans eram criados por produtores cis para uma audiência igualmente cisgênera. Segundo Rhea Ashley e Jessie Earl em seu artigo *Trans Representation in Popular Culture*, o olhar cis sensacionaliza a experiência trans, tentando encaixar essa vivência nos padrões cisgêneros que estão acostumados com, o que pode levar a percepção de que pessoas trans são estranhas. Embora seja uma visão bastante limitada sobre pessoas trans, muitas obras feitas sobre esse olhar ajudaram a nutrir um senso de simpatia e aumento de conhecimento sobre a vida de pessoas trans dentro da cultura ocidental.

O olhar cis trabalha diretamente com a semiótica ao trabalhar certos signos para demonstrar que algumas expressões de gênero são normais, enquanto outras são construídas como desviantes. Esses signos se referem aos significantes masculinos e femininos usados para se referir a roupas, gestos, entonações e etc. Esse olhar se refere a representação de gênero que contribui para ideologia dominante sobre pessoas trans, mesmo que essa representação não retrate o que pessoas trans são de verdade, mas sim o que os espectadores acham que pessoas trans são. Assim criando os tropos que já foram referidos neste trabalho.

Para além das representações midiáticas, o Cis gaze também gera um fenômeno conhecido como “Transface”, que é o ato de um ator cisgênero atuar no papel de uma pessoa trans, normalmente sendo do gênero oposto ao qual o personagem se identifica. O termo se baseia na prática racista denominada como “Blackface”, onde atores brancos pintavam seus rostos para debochar de pessoas negras em nome da arte. Enquanto personagens trans atuados por atores cisgêneros seguem o mesmo princípio, é sempre bom traçar uma

diferenciação entre os dois termos. A ideia que se passa com a prática do transface é de que, ainda que uma pessoa transcione completamente, ela ainda será do gênero imposto ao nascimento. Essa retórica contribui para com o preconceito que afeta milhares de pessoas trans todos os dias na vida real.

6.6 O Podcast e seu Público Alvo

Considerado uma modernização do rádio, o podcast é uma mídia voltada a áudio, que pode ser acompanhada de vídeo em alguns casos, disponibilizado na internet no modelo “on demand” onde o ouvinte escolhe onde, quando e como consumir o conteúdo. Divididos por nichos, os conteúdos são disponibilizados de forma que o ouvinte escolhe exatamente o assunto que deseja, como os serviços de streaming de séries e filmes onde os programas são publicados por meio de episódios, sem a presença de uma constante programação ao vivo. O podcast é o novo jeito de se produzir e consumir rádio, porém de forma mais fácil e democrática.

O Nicho é um segmento específico e especializado de um mercado ou área de interesse maior, possuindo um público-alvo bem definido com necessidades, interesses e características particulares, como as rádios que tocam apenas um estilo de música ou são apenas voltadas ao jornalismo, porém aqui os assuntos são ainda mais focados a um determinado assunto. Este trabalho tem como objetivo produzir um podcast voltado a comunidade LGBTQIA+⁴ que se interessam na produção de obras audiovisuais, onde eu irei entrevistar pessoas trans e drag queens que possuem experiência trabalhando dentro da indústria para compartilhar suas visões e experiências.

Por mais que o podcast seja essencialmente voltado a áudio apenas, há uma crescente demanda pela adição de vídeo junto a programação, dando a oportunidade de escolha ao espectador de ver cortes, que são pequenos trechos retirados do episódio, como de acompanhar o programa apenas por áudio. O podcast Além de Mim irá seguir a premissa inicial do podcast e seguir apenas com áudio, dando ênfase nas voz do que a aparência dos convidados, já que historicamente pessoas trans são silenciadas por não se encaixar ao padrão cis imposto pela sociedade.

⁴ LGBTQIA+: Lebsica, gay, bissexual, transgênero, queer, intersexo, assexual, aromantico entre outras letras que compõem a comunidade.

7. DESENVOLVIMENTO

Neste tópico será abordado o desenvolvimento e produção do podcast em suas etapas primordiais como identidade visual, roteiro, cronograma, valores de orçamento e gravação.

7.1 Identidade visual

A identidade visual deste trabalho se baseia nos signos criados pela comunidade transgênero como um todo, incluindo criações e simbolismos aceitos e amplamente utilizados por diversas pessoas trans ao redor do mundo.

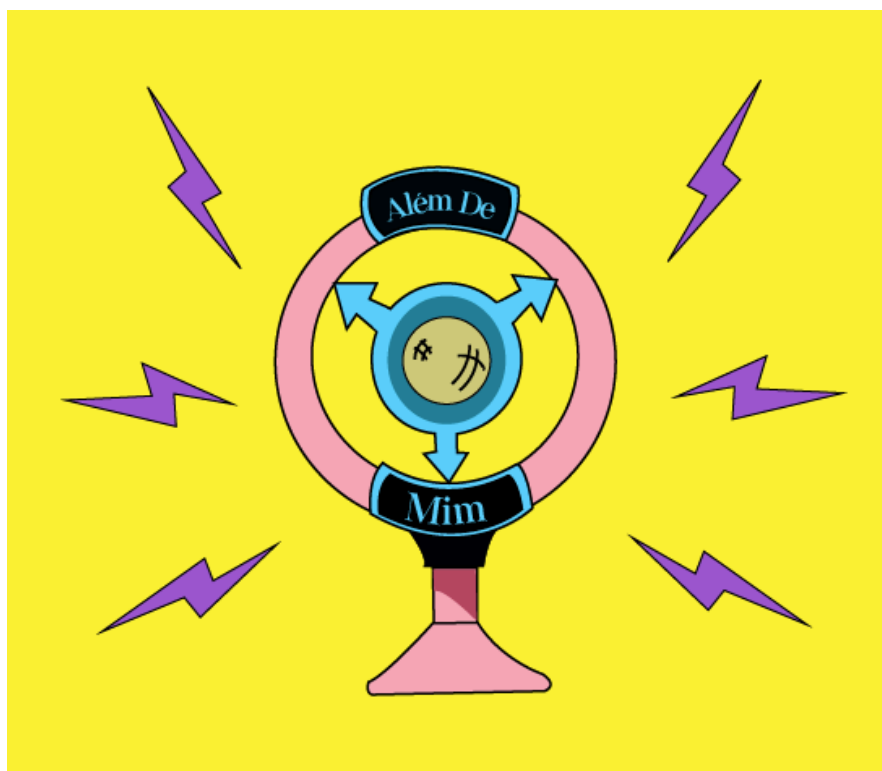
As cores foram tiradas diretamente da bandeira trans, criada por Monica Helms em 1999, como também da bandeira não binária, criada por Kye Rowan em 2014. A junção do fundo amarelo e o círculo roxo também representam a bandeira da comunidade intersexo, que anda lado a lado com a comunidade transgênero. O logo principal representa um microfone antigo junto com o símbolo trans. Os raios representam as ondas sonoras, símbolo utilizado por outras obras que retratam ondas de rádio.

Figura 2 - Logotipo do podcast



Fonte do autor (2025)

Figura 3 - Logo principal do Podcast



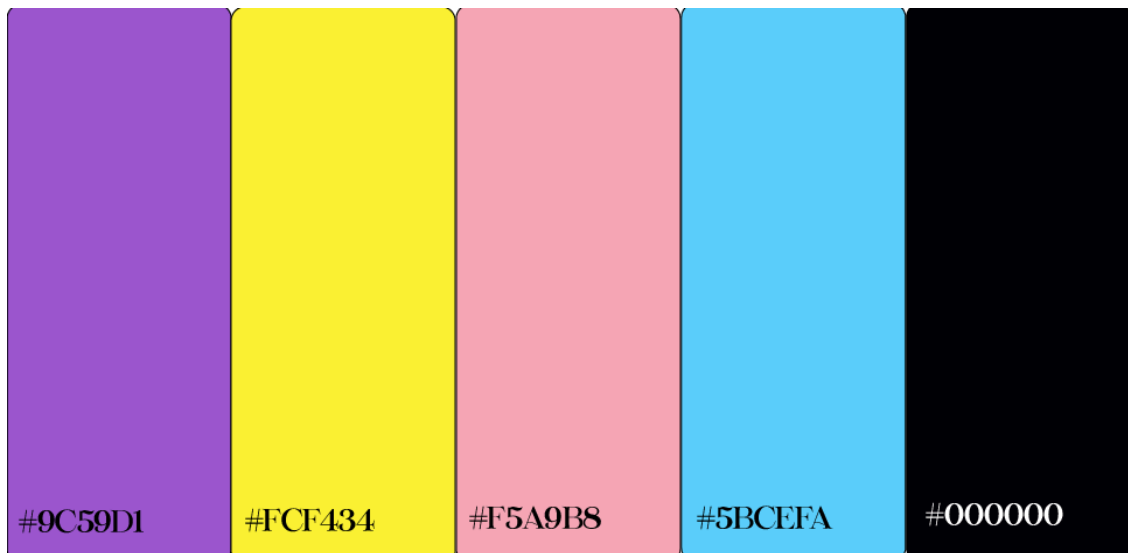
Fonte do autor (2025)

Figura 4 - Logo alternativo do podcast



Fonte do autor (2025)

Figura 5 - Palheta de cor



Fonte do autor (2025)

Figura 6 - Mascote do podcast



Fonte do autor (2025)

A escolha do dragão como mascote pelo simbolismo de transformação, que espelha profundamente a jornada de transição de gênero, que é uma metamorfose física, social e emocional. O dragão é frequentemente retratado como uma das criaturas mais poderosas e resilientes do reino mitológico. Para uma comunidade que frequentemente enfrenta discriminação, violência e invalidação, adotar o símbolo do dragão é uma afirmação de força interior, resistência e capacidade de sobreviver e prosperar contra todas as adversidades.

7.2 Entrevistados

As pessoas entrevistadas neste podcast darão profundidade ao assunto ao compartilhar suas visões e vivências trabalhando com a indústria audiovisual enquanto membro da comunidade transgênero ou que trabalham com membros da comunidade.

- **Danilo Morales**

Autor e cineasta, Danilo é um homem cisgênero* que já trabalhou com obras voltadas a comunidade transgênero em obras como “Travesqueen” (2024), documentário que mostra como a cultura Ballroom no Vale do Paraíba se tornou um espaço de expressão, resistência e

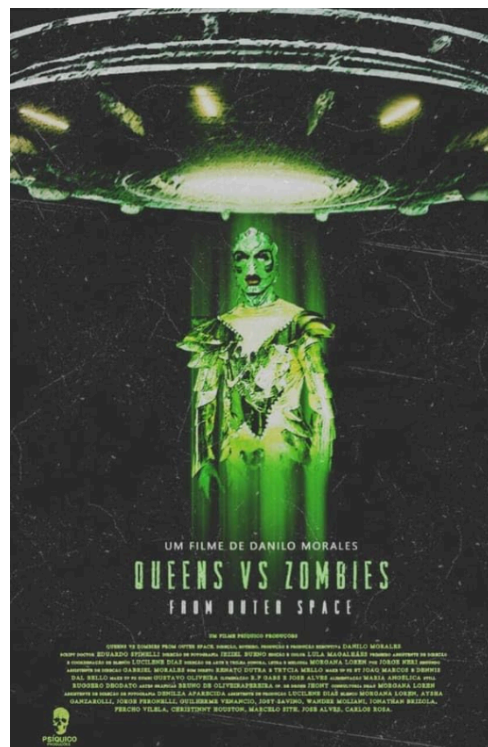
empoderamento, como a obra “Queens vs Zombies from outer space” (2021), curta de terror onde drags enfrentam um monstro que transforma pessoas em zumbis e “Vale das Bonecas” (2022), um documentário sobre drag queens do vale do Paraíba.

Figura 7 - “Travesqueen” (2024)



Fonte: IMDb (2024)

Figura 8 - “Queens vs Zombies from outer space” (2021)



Fonte: IMDb (2021)

- **Gaê Ferraroni**

Gaê Ferraroni, natural de São Paulo, atua como AD em produções de ficção e não-ficção no audiovisual brasileiro. Já tendo atuado em grandes produções como “Da Ponte Pra Lá - HBO Max”, “De Volta Aos 15 - Netflix” e “Amor da Minha Vida - Disney+”; possui amplo conhecimento de base e sets de filmagem, possuindo experiência com figuração, camarim e agendas, criação de ODs, e documentos do Movie Magic

- **Henri Ferraz**

Henri é artista visual e pesquisador transmídia valeparaibano. É escritor e licenciado em Letras pela UNIFATEA. Pesquisador do Núcleo Abantesma desde sua fundação, onde publicou dois livros em coautoria, Queer na Raça: Narrativas para Transgredir e Corpo Algoritmo: corpos insubmissos e as violências de sempre. Desenvolve sua pesquisa entre a teoria crítica, poesia e ficções especulativas a partir da experiência queer e trans/não-binária.

- **Morgana Loren**

Morgana Loren iniciou sua carreira como drag queen na extinta boate Light 's, em São José dos Campos, no final da década de 80. Foi indicada e vencedora na categoria de melhor ator revelação na Mostra Audiovisual de Cinema Estudantil da USP, em 2020, participou da criação e apresentação do documentário “Vale das Bonecas” e em 2021, participou da filmagem da comédia de ficção científica “Queens VS Zombies From Outer Space”, ambos os filmes do cineasta Danilo Morales. Em 2019, começa a participar como integrante da montagem do espetáculo “Sarau Brasis” em São José dos Campos, que em 2021 foi selecionado para a versão online do festival de teatro Festivale (SJC). Em dezembro de 2021, se forma no curso profissionalizante de atores da Cia Teatro da Cidade atuando na peça “A Nau dos Loucos” de Luiz Alberto de Abreu e participa também do longa-metragem A Noite das Vampiras (2023) do cineasta Rubens Mello Luckfinger, em São Paulo.

Figura 9 - “Vale das Bonecas” (2022)



Fonte: IMDb (2025)

- **Rico Ballardin**

Rico é um homem trans designer e cineasta com mais de 9 anos de experiência dentro da indústria. Dirigiu obras como “O Proximo” (2018) curta-metragem inspirado na poesia de Edemi Júnior e acompanha dois homens que se encontram em um aplicativo de namoro, refletindo sobre a liquidez das relações na era das “redes de sexo”, “Nada a perder” (2020) videoclipe do músico Diegues Mc e “Só Se Fala Disso”(2025), videoclipe do artista Jupi77er.

Figura 10 - Rico Ballardin



Fonte: Design by Rico Ballardin (2025)

- **Zenital**

Zenital é Multiartista Trabalha em diversos segmentos artísticos hoje mais voltados para o audiovisual. Entre suas habilidades podemos citar o trabalho de atuação, direção, roteiro, composição e produção musical, dj, fotografia, artes plásticas, caracterização, maquiagem e mais. Sempre trabalhando e buscando novas formas de fazer arte.

7.3 Episódios e pré roteiro

O podcast “Além de Mim” irá contar com quatro episódios no total, porém apenas dois desses episódios serão produzidos. Com o primeiro episódio voltado a importância da representação de minorias nas mídias audiovisuais e sua repercussão na sociedade onde

converso com algumas pessoas trans que já trabalham dentro da indústria audiovisual para entender a sua visão como produtores, como também a sua visão como espectadores de obras voltadas à comunidade transgênero.

Tabela 1 - Pré roteiro episódio 1

Entrevistado	Pergunta
Gaê Ferraroni	Você acha que hoje está sendo bem representado/refletindo a comunidade em obras audiovisuais?
Henri Ferraz	Você acha que tem pouca produção de obras voltadas à comunidade ou apenas que são pouco divulgadas? O que você se sente representado pela representatividade “forçada” de obras grandes?
Rico Ballardin	Você acha que ainda temos um olhar muito cis para obras voltadas a comunidade trans?
Zenital	Teve algum personagem/obra que mexeu com você? Como você começou a trabalhar com audiovisual? Ser uma pessoa trans influência no seu trabalho/na construção do personagem?
	Teve algum personagem/obra que mexeu com você? Você acha que a nova geração está se entendendo mais jovem por causa da mídia?

O segundo episódio terá como foco a perspectiva de uma drag queen e cineasta cis que trabalhou em diversas obras voltadas a comunidade trans e pessoas que quebram expectativas de papéis de gênero, mesmo que não se refiram a pessoas trans diretamente a comunidade drag sempre foi uma aliada, andando lado a lado com a comunidade trans contra a opressão cisgênera de expressão de gênero.

Tabela 2 - Pré roteiro episódio 2

Entrevistado	Pergunta
--------------	----------

Morgana Loren	Como você começou na sua carreira? Teve algum personagem/obra que mexeu com você? Qual é a sua visão sobre representatividade trans ou gênero não conformista na mídia hoje?
Danilo Morales	A cultura ballroom influencia o audiovisual? Como é ter fama dentro da comunidade? Como foi para você trabalhar com a comunidade? Você procurou ou foi procurado? Foi difícil produzir? você falou que você conheceu a Morgana pq você queria fazer uma produção com uma mulher trans, da onde surgiu essa ideia? Se a produção é mais fácil ou mais difícil? Se você aprendeu algo novo com a produção?

7.4 valores e orçamentos

Os valores listados são baseados em orçamentos com diferentes estúdios.

Quadro 1 - Orçamentos

Equipamentos	Orçamento	Custo total
Studio de Podcast	R\$ 150 - R\$ 200/ hr	
Royalty de trilha Sonora	R\$ 200 - R\$ 600	
		R\$ 700,00

7.5 Cronograma de Execução

Quadro 2 - Cronograma de Execução											
Atividades	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
Escolha do tema	x	x	x	x							
Orientador	x										
Levantamento bibliográfico			x	x	x	x					
Leitura da bibliografia						x	x	x			
Elaboração da pesquisa							x	x			
Produção do podcast									x	x	
Edição										x	
Revisão										x	
Banca											x

8. CONCLUSÃO

Este trabalho buscou analisar criticamente a representação de personagens transgêneros na indústria audiovisual, partindo do referencial teórico de Foucault e Butler, que entendem gênero como uma construção social performativa, foi possível desconstruir a forma que o audiovisual tem reforçado, e por vezes subvertido, as normas de gênero vigentes em cada período.

Portanto, conclui-se que a representação midiática é um campo de batalha crucial para o reconhecimento e a valorização de existências plurais e este trabalho reforça a necessidade de narrativas que transcendem tropos limitantes para dar lugar a histórias complexas, autênticas e escritas com participação das minorias sendo representadas durante o processo criativo da obra.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história**. Direção: TED Talks. Produção: TED. TEDGlobal 2009. Jul. 2009. Duração: 18 min e 49 seg. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em: 28 ago. 2025.

ARAKI, Gregg. **Mysterious Skin**. Estados Unidos: Desperate Pictures, 2004. Disponível no Amazon Prime Video.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CHAPLIN, Charles. *A Busy Day*. Estados Unidos: Keystone Studios, 1914. Filme.

DEMME, Jonathan. **O Silêncio dos Inocentes**. Estados Unidos: Orion Pictures, 1991. Disponível no Amazon Prime Video.

DOLGEN, Bob (Direção). **Vovó...Zona**. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures, 2002. Disponível na Amazon Prime Video. Acesso em: 13 out. 2025.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1976.

JORDAN, Neil. **The Crying Game**. Reino Unido: Miramax Films, 1992. Disponível no Amazon Prime Video.

MIRACLE, Agnieszka. **The Gwen Araujo Story**. Estados Unidos: Lifetime Television, 2006. Disponível na Apple Tv +.

MELLO, Rubens. **A Noite das Vampirás**. Prime Video, 2023. Disponível no Amazon Prime Video.

MORALES, Danilo. **Queens vs Zombies From Outer Space**. Roku, 2021. Disponível na Roku.

MORALES, Danilo. **Travesqueen**. Prime Video, 2024. Disponível no Amazon Prime Video.

MORALES, Danilo. **Vale das Bonecas**. Prime Video, 2025. Disponível no Amazon Prime Video.

MULVEY, Laura. **Visual pleasure and narrative cinema**. Screen, Oxford. out. 1975.

PINHEIRO, Paulo. **Sai de Baixo: O Filme**. Brasil: Downtown Filmes, 2019. Disponível na Netflix.

PHILLIPS, Todd. **Se Beber, Não Case 2**. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2011. Disponível na HBO Max.

PIERCE, Kimberly. **Boys Don't Cry**. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures, 1999. Disponível no Netflix.

ROACH, Jackie. **“Don't Dream It, Be It”: The Rocky Horror Picture Show's Impact on Queer Communities in the 1970s**. *Rushton Journal of Undergraduate Humanities Research*: Vol. 1, Article 1, 2024. Disponível em: <https://digitalcommons.wayne.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1014&context=rushton>. Acesso em: 31 ago. 2025.

PINKNEWS. **What does cisgender mean?** Londres, 12 abr. 2024. Disponível em: <https://www.thepinknews.com/2024/04/12/cisgender-meaning/>. Acesso em: 26 out. 2025.

PEIRCE, Charles Sanders. **Triade semiótica de Peirce**. Adaptado de: <http://ru3.com.luc/>. [S.l.], [2007]. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Triade-Semiotica-de-Pierce-Adaptado-de-http-ru3com-luc_fig2_28152637. Acesso em: 31 ago. 2025.

SARDÀ, Gaby. **About Ray**. Estados Unidos: Weinstein Company, 2015. Disponível na Netflix.

SHARMAN, Jim. **The Rocky Horror Picture Show**. Reino Unido: 20th Century Fox, 1975. Disponível no Disney+.

VALLÉE, Jean-Marc. **Dallas Buyers Club**. Estados Unidos: Focus Features, 2013. Disponível na Netflix.

WAYANS, Keenen Ivory. **As Branquelas**. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2004. 1 filme (109 min).

WILDER, Billy. **Some Like It Hot**. Estados Unidos: Metro-Goldwyn-Mayer, 1959. 1 filme (121 min).

APÊNDICE - Links de acesso ao produto final

Youtube Episodio 1:

<https://youtu.be/74yD5alDaY8?si=-knN7rJWjUBjzgf7>

Youtube Episodio 2:

<https://youtu.be/0H8BVvldC30?si=ixRCvEiqVNqinqiX>

ANEXOS

CARTA DE ACEITE DE ORIENTAÇÃO

Título: A Comunidade LGBT e a mídia: Representatividade
transgênero nas produções fílmicas

Modalidade: Podcast.

Aluno(s):

Alastor Alves Rosa

Orientador: Filipe Soriano

Formação: Rádio e TV

Eu Filipe Soriano aceito orientar os alunos acima
citados, na produção e desenvolvimento do Trabalho de Conclusão do Curso de Rádio e TV no
ano de 2025.

Ass.: 

Coorientador: _____

Eu, _____, aceito auxiliar no desenvolvimento do Trabalho
de Conclusão do Curso de Rádio e TV, na função de coorientador.

Ass.: _____

FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

Aluno: Alastor Alves Rosa Ass.: 

Aluno: _____ Ass.: _____

Aluno: _____ Ass.: _____

Data: 08 / 08 / 2025

Temas discutidos:

Decisão definitiva do produto como podcast
de entrevista.

Desenvolver:

desenvolver roteiro

Próxima reunião: 26 / 08 / 2025

Assinatura do orientador:



FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

Aluno: Alastor Alves Rosa Ass.: 

Aluno: _____ Ass.: _____

Aluno: _____ Ass.: _____

Data: 26 / 08 / 2025

Temas discutidos:

Revisão entrevistados e produção do Podcast

Desenvolver:

entrar em contato com entrevistados

Próxima reunião: 20 / 09 / 2025

Assinatura do orientador:



FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

Aluno: Alastor Alves Rosa Ass.: 

Aluno: _____ Ass.: _____

Aluno: _____ Ass.: _____

Data: 20 / 09 / 2025

Temas discutidos:

Perguntas para a entrevistas

Desenvolver:

As entrevistas

Próxima reunião: / /

Assinatura do orientador:



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO DA OBRA

Ficha catalográfica

Alves Rosa, Alastor
A Comunidade LGBT E A Mídia : A Representatividade
Transgênero Nas Produções Fílmicas / Alastor Alves Rosa;
orientador, Filipe Soriano. - São José dos Campos, SP, 2025.
40 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Universidade do Vale
do Paraíba, São José dos Campos. Comunicação Social/Rádio e TV .

Inclui referências

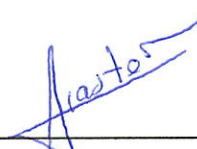
1. Comunicação Social/Rádio e TV . 2. Análise da
Representatividade transgênero nas produções audiovisuais . 3.
Produção de um podcast estilo entrevista. I. Soriano, Filipe ,
orient. II. Universidade do Vale do Paraíba. Comunicação
Social/Rádio e TV . III. Título.

Eu, Alastor Alves Rosa, autor(a) da obra acima referenciada:

Autorizo a divulgação total ou parcial da obra impressa, digital ou fixada em
outro tipo de mídia, bem como, a sua reprodução total ou parcial, devendo o
usuário da reprodução atribuir os créditos ao autor da obra, citando a fonte.

Declaro, para todos os fins e efeitos de direito, que o Trabalho foi elaborado
respeitando os princípios da moral e da ética e não violou qualquer direito de
propriedade intelectual sob pena de responder civil, criminal, ética e
profissionalmente por meus atos.

São José dos Campos, 12 de Dezembro de 2025.



Autor(a) da Obra

Data da defesa: 01 / 12 / 2025